



“Saber dialogar com quem vem”

Conversa com Inês Barahona e Miguel Fragata*

Ana Eliseu e Joana Frazão Quando nos descreveram o projeto, achámos que ia ser uma espécie de panorama da adolescência, baseada em muitos diários, e agora, assistindo ao ensaio, ficámos surpreendidas por ser um texto mais ficcional e centrado em quatro personagens.

Inês Barahona Sim, sendo que isso corresponde aos diários que nós recebemos, que foram para aí vinte, e faziam muito o retrato de uma situação interior, eram mais uma elaboração sobre estados de alma, atmosferas, com muito pouco conteúdo narrativo.

Miguel Fragata Porque, obviamente, quando se escreve um diário, há muito pouco a preocupação de contextualizar, de ter um fio condutor, de explicar relações. As personagens que aparecem num diário são muitas vezes completamente casuais. E aquilo que foi para nós a grande força dessa recolha de diários foram as diferenças geracionais. Não recebemos praticamente nenhum diário de adolescentes de agora.

Ana Eliseu e Joana Frazão Como é que chegaram a este texto?

Miguel Fragata À partida, interessava-nos que o trabalho não ficasse demasiado no campo do laboratório, no sentido mais experimental da coisa. Ou seja, que pudesse basear-se nesta pesquisa toda que fizemos, mas que resultasse numa coisa mais do campo da narrativa e da ficção.

Inês Barahona Os adolescentes de agora não se estão a desprender dos seus diários, se é que os têm – a maior parte não tem, ou pelo menos não assumidamente. Então, nós criámos momentos de encontro com eles. Fizemos inquéritos, fomos ouvindo. E percebemos que nas vivências das adolescências de agora há uma espécie de tipificação entre duas zonas muito diferentes: aqueles que escolhem como filme da sua vida o *Titanic*, porque estão deprimidos, e os que escolhem o *Velocidade Furiosa*, porque acham que estão na melhor fase da vida e querem aproveitar ao máximo. E é mesmo uma cisão. Aconteceu-nos, em escolas, irmos a uma turma e ouvir “isto é horrível”, e depois íamos falar com outra turma e era tudo em altas.

Ana Eliseu e Joana Frazão E se calhar no dia seguinte podia ser ao contrário, a tal montanha-russa.

Inês Barahona É volátil, claro. Eles também falam muito nisto, no descontrolo.

Miguel Fragata Para escrever o texto, nós fomos buscar estas referências todas, não foi apenas a recolha dos diários, houve um trabalho muito grande, que acompanhou este ano inteiro que passou, uma temporada e meia: fizemos miniespetáculos portáteis que levámos às escolas e que depois se desenvolviam em conversas aprofundadas com os grupos; houve os confessionários, em que reuníamos individualmente com um adolescente e colocávamos questões, e que nos forneceram muito material; os cursos que fizemos no Teatro Nacional D. Maria II a partir da ideia de criação e diários, e de composição musical e letra.

Ana Eliseu e Joana Frazão O título parece ser uma imagem do que será a adolescência, mas afinal também há uma montanha-russa literal. Já era essa a ideia de partida?

Miguel Fragata Começou por ser exatamente isso, uma imagem que nos surgiu para o título. E, às tantas, na nossa fase final de pesquisa, percebemos que existia um culto dos parques de diversões abandonados, das montanhas-russas e dos acidentes nas montanhas-russas. Então, de repente, começou-nos a fazer sentido que a montanha-russa fosse ela própria, literalmente, um eixo de ligação de personagem para personagem, podendo ter diferentes simbólicas para cada uma das narrativas.

Inês Barahona Havia este desejo de lançar a hipótese de laços de sangue entre as personagens e de as ligar através de acontecimentos históricos – isso aparece, de uma forma quase inconsciente, semeada nos diários; há referências ao mundo que está a continuar. Fazia-nos sentido lançar essas pistas históricas a par das experiências muito interiores e muito pessoais de cada um.

Ana Eliseu e Joana Frazão E de onde veio a escolha de haver uma variedade de registos, dois diários, uma carta e um blogue?

Miguel Fragata Em relação à carta, teve a ver com a dimensão narrativa que nós introduzimos. Na pesquisa que andámos a fazer atrás de montanhas-russas, chegámos à história verdadeira de um parque de diversões abandonado em Berlim. Mas como é que podíamos trazer esta história para a equação sem ser um óvni? Então, achámos que a carta era a melhor forma, até porque em muitos diários que recebemos de repente havia uns apartes, às vezes muito longos, que eram cartas – umas escritas pelos próprios, outras pelos amigos, a quem o diário era entregue.

Ana Eliseu e Joana Frazão Pareceu-nos que havia uma diferença muito grande entre as três personagens que são doutro tempo e a personagem que é do presente, a do Bernardo [Lobo Faria]. Nas outras três, estão lá as tais questões intemporais, há uma profundidade qualquer, uma angústia, e no caso da

personagem do Bernardo não parece haver essa profundidade, mesmo aquela ideia do “eu” ser uma sigla...

Inês Barahona Não é uma questão de profundidade. Nós quando quisemos fazer um espetáculo sobre a adolescência, aquilo que tínhamos era a nossa adolescência filtradíssima pelo tempo que já passou. Quando tu falas com adolescentes e vais com a abordagem da tua adolescência, por um lado é interessante, porque se abre um espaço comum. Mas, por outro lado, percebes que eles ainda não mastigaram a sua história a ponto de poderem ter uma leitura sobre ela para além daquilo que é momentâneo.

Ana Eliseu e Joana Frazão Mas todos os diários se escrevem no momento em que se vivem as coisas, não são retrospectivos. A diferença aqui seria talvez que os dois diários são escritos para a própria pessoa, e portanto são mais permeáveis às dúvidas e às inseguranças, enquanto o blogue do Bernardo, como é escrito para fora, dá uma versão dele mais resolvida, com menos questões.

Miguel Fragata Sim, mas também existe o facto de ele, enquanto ator e pessoa, estar muito próximo dessa fase, enquanto todos os outros são atores mais velhos. Há uma impossibilidade de tu ires realmente lá, à adolescência. E daí a vontade de ter alguém que estivesse realmente com um pé lá dentro, como o Bernardo. Achámos que seria interessante trazer uma dimensão do presente, como contraponto aos diários, que estão fixados numa época, através da personagem do Bernardo, que evoca o dia, a hora, quase em direto.

Ana Eliseu e Joana Frazão Sendo que ele viaja por sítios completamente abandonados, é uma espécie de presente assombrado por um passado irrecuperável.

Inês Barahona Nós percebemos que é uma tendência muito forte, há imensos miúdos que fazem isto. O querer explorar um lugar abandonado, o fascínio do interdito é uma coisa muito própria da adolescência. E é também uma maneira de lidar com aquilo que sobra das gerações anteriores.

Miguel Fragata E permite-nos fazer este jogo do passado/presente, mas também o jogo realidade/ficção, porque ao trazer-nos para o presente, o Bernardo também nos traz para a verdade de estarmos aqui e agora, e de podermos desmascarar e desmanchar o próprio jogo teatral.

Ana Eliseu e Joana Frazão Nos diários escrevem-se coisas que não são para ser ditas em voz alta, e muito menos num palco. Como é que trabalharam essa relação com o público?

Miguel Fragata Quando comecei a montar isto com os atores, tornou-se claro a dada altura que era preciso ter esse discurso cá para fora, ou seja, que era muito importante criarmos uma relação que não fosse de contracena entre as quatro personagens, mas que tivesse como recetor o público. Pensar que, individualmente, cada um de nós que recebe aquela informação toda enquanto espectador está quase na situação de abrir um diário e de o ler.

Ana Eliseu e Joana Frazão A música era uma premissa de base?

Miguel Fragata Sim, a premissa inicial era: diários e musical.

Ana Eliseu e Joana Frazão É o prólogo do espetáculo, querias fazer um ajuste de contas com a tua adolescência...

Inês Barahona O Miguel tinha esta ideia já há imenso tempo e eu gozava com ele, “um musical, que tolice!”, mas de repente começou a ganhar forma e avançámos e propusemos ao D. Maria II.

Miguel Fragata A escolha do Hélder [Gonçalves] e da Manuela [Azevedo] também era uma premissa logo desde o princípio, não só porque em termos estéticos e de ironia na escrita era a escolha certa, mas também nesta ideia de trazer um estilo de música mais rock/pop, de grande qualidade, para provocar a geração atual, e além disso porque os Clã foram uma banda que eu ouvi imenso na minha adolescência.

Ana Eliseu e Joana Frazão Não que as angústias da adolescência não estejam aqui, mas o espetáculo tem um tom otimista, que vem muito da música. O transformar as emoções numa coisa que se pode cantar torna logo tudo mais suportável, mesmo quando a música é triste. Se toda a gente pode cantar aquela canção, já não estás tão sozinho.

Inês Barahona A relação dos miúdos na adolescência com a música tem muito a ver com isso. Ainda por cima é um fenómeno coletivo, há aquele grupo de amigos que está todo a ouvir aquela música ao mesmo tempo. Cria essas conexões.

Miguel Fragata Para nós era claro que a música tinha de ser a hipérbole de tudo. Se é para uma cena ser cómica, a música traz isso para o extremo do cómico. Se é mais negra, tem de ser a música a pô-la nesse lugar, tem de ser esse jogo do “mais, mais, mais”. E de facto a música tem esse poder, de te levar para um outro patamar. E acho que aí é inevitável que a coisa fique mais luminosa, mais dançada.

Ana Eliseu e Joana Frazão Sente-se que a música está presente de raiz, isso transborda para a maneira como o espetáculo está construído. Por exemplo, os atores são cúmplices dos músicos, não são dois lados.

Miguel Fragata A maneira como nós queríamos que as canções acontecessem tinha a ver com o poderem ser formas inventivas que fizessem um sentido particular e individual a cada momento, na relação com o espetáculo. E também esta coisa de uma certa tensão entre o teatro e a música. Nós montámos uma estrutura do ponto de vista do teatro, com os atores, um bocado a traço grosso – sendo que eles tinham também o esqueleto todo das canções – e agora tem sido este trabalho de casamento.

Ana Eliseu e Joana Frazão Em relação ao público adolescente, vocês pensaram nisto mais como um espelho, como um espetáculo em que sentissem que estão a ser ouvidos, compreendidos?

Miguel Fragata O princípio era: nós nunca vamos conseguir fazer um espetáculo em que eles se revejam completamente, e que seja só espelho. E para nós era muito claro que estávamos a trabalhar para um público específico. Mas de facto queremos fazer um espetáculo para toda a gente, e tem de ter essa universalidade, essas camadas todas. Se calhar, o espetáculo é mais o espelho, não de uma visão da adolescência, mas deste percurso que nós fomos fazendo ao longo deste ano e meio.

Inês Barahona É o nosso arco: fomos refletindo sobre o facto de que estamos sempre a avançar, e os lugares vão-se transformando. E este percurso foi incrível, porque tu vais escutando, lembras-te de onde é que estiveste, descobres onde é que eles estão, e percebes muito claramente também para ti própria que são eles que vêm aí.

Ana Eliseu e Joana Frazão Vêm-te tirar o lugar... E tu não os compreendes, porque vivem noutro mundo, e vão transformar isto numa coisa que tu não conheces.

Inês Barahona Mas isso é um trabalho que temos de fazer à medida que vamos avançando na vida. Saber dialogar com quem vem. Não é sobre o desaparecimento do teu lugar, não é sobre a tua morte, mas é sobre a maneira como isto acontece. O facto de os adolescentes aparecerem na figura do Bernardo de uma forma forte e poderosa tem a ver com isso. É inexorável, é assim. Então o final é mesmo isso: dá-lhe o espetáculo para a mão. É dele, aquilo é dele. Pronto.

Miguel Fragata Acho que é aí que a coisa tem de ficar, nesse lugar de desequilíbrio, na corda bamba, porque senão somos nós a querer impor um caminho e uma resposta. O espetáculo tem mesmo de acabar nessa suspensão, de expectativa e tensão em relação ao futuro.

* Excertos de “O que é isso, fazer um espetáculo sobre a adolescência?”, conversa conduzida por Ana Eliseu e Joana Frazão a 8 de fevereiro de 2018 (durante o período de ensaios, a um mês da estreia), publicada originalmente no programa de sala de *Montanha-Russa* do Teatro Nacional D. Maria II.

ficha técnica TNSJ

produção executiva **Alexandra Novo**
direção de palco **Emanuel Pina**
adjunto do diretor de palco **Filipe Silva**
direção de cena **Pedro Guimarães**
luz **Filipe Pinheiro** (coordenação),
Adão Gonçalves, **Alexandre Vieira**,
José Rodrigues, **Nuno Gonçalves**,
Rui M. Simão
maquinária **Filipe Silva** (coordenação),
Adélio Pêra, **António Quaresma**,
Carlos Barbosa, **Joaquim Marques**,
Jorge Silva, **Lídio Pontes**, **Paulo Ferreira**
som **António Bica**
vídeo **Fernando Costa**
língua gestual portuguesa **Ana Rodrigues/**
Laredo Associação Cultural
audiodescrição **Sofia Afonso/Anaísa Raquel**
– **Produções Unipessoal, Lda.**

apoios TNSJ



apoios à divulgação



agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Montanha-Russa é um espetáculo financiado por



parceiro *Montanha-Russa*

DB SCHENKER

apoio *Festa Teen Friendly*

Alunos do curso profissional de Restauração da Escola Secundária do Cerco

Formiga Atómica – Associação Cultural
Rua Capitão-Mor Pedro Teixeira, n.º 1, 5.º Esq.
1400-041 Lisboa
www.formiga-atomica.com
info@formiga-atomica.com

edição

Departamento de Edições do TNSJ
coordenação **Fátima Castro Silva**
design gráfico **Dobra**
fotografia **Miguel Manso**
impressão **Multitema**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

Montanha-Russa

um espetáculo de
Inês Barahona
e **Miguel Fragata/**
Formiga Atómica

encenação
Miguel Fragata
dramaturgia
Inês Barahona
texto e letras
Miguel Fragata
e **Inês Barahona**
música original
Hélder Gonçalves
movimento
Marta Silva
desenho de som
Nelson Carvalho
desenho de luz
José Álvaro Correia
cenografia
F. Ribeiro
figurinos
José António Tenente
vídeo
Henrique Frazão
produção executiva
Clara Antunes
Sara Cipriano
(Formiga Atómica)
operação de luz
Nuno Figueira
operação de som
Nelson Carvalho
Marco Silva
roadie
Norberto Duque
mediação de públicos
e comunicação
Ana Pereira

interpretação
Anabela Almeida
Bernardo Lobo Faria
Carla Galvão
Miguel Fragata e
Hélder Gonçalves,
Manuela Azevedo
Miguel Ferreira
Nuno Rafael
(música ao vivo)

coprodução
Formiga Atómica
Teatro Nacional D. Maria II
Teatro Virgínia
TNSJ

coprodução na fase de pesquisa
Festival Terres de Paroles
apoio ao espetáculo
Mega Hits
Al Porto Pizzeria

estreia **9Mar2018**
Teatro Nacional D. Maria II
(Lisboa)
dur. aprox. **1:50**
M/12 anos

qua+sáb **19:00** qui+sex **21:00**
dom **16:00**

Língua Gestual Portuguesa
+ Audiodescrição
10 jun dom 16:00

Teatro Nacional São João
31 maio – 10 junho 2018

TNSJ/Átrio · 1 jun · sex 22:30
Festa Teen Friendly

Petit-Comité Porto
Carolina Gomes, Gabriela Teixeira
(Escola Secundária Filipa de Vilhena),
Catarina Pereira (Escola Secundária
Aurélia de Sousa), **Djonathan Silva,**
Tatiana Andrade (Escola Secundária
do Cerco).

TNSJ · 2 jun · sáb 15:30
Canção a Meio

um documentário de **Maria Remédio**
duração **1:00**
M/12 anos

entrada livre

